

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Míticia Christã* (XXIII) A oração da manhã, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *A falta de respeito nos templos*, pelo ex.^{mo} sr. Plácido de Vasconcellos Maya; — *Destocação!* pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida; — *Alheus, maçonaria e jacobinos*, pelo ex.^{mo} sr. José Maria Guerreiro; — *A Orphã*, pelo ex.^{mo} sr. F. G. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre direitos paroquiais*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Mãe* (poesia) pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya; — *Saudação a Leão XIII* (poesia) pelo ex.^{mo} sr. Antonio Moreira Bollo; — *A Caridade: o peccador* (poesia) pelo ex.^{mo} sr. Antonio M. Bollo. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *Humilius Evangelicus*, por um bacharel formado em Theologia na Universidade de Coimbra. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Jechonias rende-se ao rei de Babilonia*; — *S. Raymundo, abade*, pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

Gravuras: *Jechonias rende-se ao rei de Babilonia*; — *S. Raymundo, abade*.



JECHONIAS RENDE-SE AO REI DE BABYLONIA

SECCÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XXIII

A ORAÇÃO DA MANHÃ

A NATUREZA ao ser dia ergue seus canticos d'amor e gratidão ao Creador pelos novos esplendores, com que Este vem adornar seu manto. A luz do sol, se nem todas as nuvens desaparecem, perdem, as que ficam no horizonte, o que tinham de medonho e tornam-se magestosamente bellas. As estrellas que passavam por ser astros luminosos durante a noite, como que se escondem da luz do sol, humildes e reverentes.

N'este nosso solo tudo muda e se torna mais bello e mais risonho.

As aguas mais transparentes, o ar mais leveiro e salutar, as plantas mais flexiveis, mais bellas, mais viventes, os seres animados não intelligentes, mais vivos, mais buliçosos, mais divertidos e agradaveis, e as florinhas, no seu tempo de matizes mais delicadas e de perfumes mais especiosos.

Não será bom nem bello que o homem, Rei da natureza creada, seja n'essas horas as mais bellas do tempo uma nota discordante, ficando mudo perante o risonho do espectáculo.

Quem n'essas horas de vital enthusiasmo se não ergue a saudar reverente e grato ao Deus da vida, não tem vida racional e menos vida de crente.

A oração da manhã é uma inspiração instinctiva, um impulso innato, uma ancía racional, um dever que se impõe, uma devoção que captiva, um recreio sempre aprasivel, uma necessidade imperiosa, ponto d'honra e rasgo de boa educação.

Recibe-se então uma dadiva preciosa, um dia de vida, uma nova luz, uma esperança, uma prova d'amor; e a gratidão deve surgir na alma, e a oração nos labios com essa espontaneidade com que os arroios buscam os rios e estes o mar.

O racional que a essas horas não ora, vive no lethargo da insensatez, ou dorme no não ser da ignorancia.

Levantar ao céu os olhos, ver o sol que meigo vem espancando trevas, removendo sustos e espalhando alegrias n'este valle de lagrimas, e levantar ao Deus providente e terno, que nos livra das negruras da noite, hymnos d'amor, de gratidão e de profundo respeito — deverá ser ponto d'honra para todos os que se vejam alumados pela luz da razão e mais para os que o somos pela esplendente e sobrenatural da fé e alem d'isso é uma consolação suavissima

para as almas que amam e aspiram a ser amadas.

A terra, que pisamos, a luz, que nos alumia, o ar, que respiramos, as brizas que nos consolam, as flores, que nos recreiam, as aves, que nos divertem, e o pão, que nos sustenta, nada é nosso, de tudo carecemos todos os dias.

E cada dia, que nos apparece, no andar do tempo e no correr da vida, é porisso uma serie d'urgentissimas necessidades, que peremptoriamente nos circunda e nos opprime: mas nem tanto como muitos pensam; porque remedio para tudo isso e muito mais achamos na propria casa do nosso bondosissimo Pae.

E' certo que muitos o não pedem e ainda assim usufruem tanto beneficio pela immensuravel bondade de Deus, que os quer consolar.

Mas não estranhará tanta bondade a ingratição dos altivos que a não saudam e dos ingratos que a não reconhecem?

Pois de tanto se tornam devedores os que á Divindade não ergam as matutinas preces.

Bem hajam as mães, que desde a mais terna infancia souberam por forma tal inculcar o salutar costume da oração matutina no coração dos seus filhos que nunca mais estes quizeram privar-se de tão intima e racional satisfação.

Depois de feita breve e fervente oração nas primeiras horas do novo dia, as benções do céu esperam-se e essa esperança risonha é um sopro de vida salutar, que nos eleva a um mundo superior, onde as boas obras teem um outro objectivo, outra feição, outro ser, outros alicientes, outro merito, outro condão e se expandem em mais lisongeiros horizontes.

E' essa oração o toque da alvorada que nos chama a render armas e offerecer os nossos serviços do dia ao nosso incomparavel Rei, Jesus, a cuja voz de mando nos consideramos sempre sujeitos.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAVA.

SECCÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 69)

CCXLIX

P. João Domingues Ottonelli

MESTE piedoso jesuita por herço a pequena cidade de Fano (Italia) que elle immortalisou com o seu

nascimento no anno de 1584, e illustrou com a sua sciencia e virtudes. Já alli tinha nascido outro homem notavel da Companhia de Jesus, e da sua mesma familia, por nome Julio Ottonelli. Fallemos, porem, de João Domingues.

De idade de 18 annos professou em Roma o instituto de Santo Ignacio, onde se consagrou inteiramente ao estudo e á oração n'aquella bem dirigida congregação religiosa, uberrimo viveiro de sabios e santos.

Ensinou varias sciencias, segundo o uso da sua Ordem, e em seguida foi reitor dos collegios de Recanati e de Fermo. Morreu em Florença a 14 de março de 1670.

Este piedoso jesuita escreveu muitas obras estimaveis sobre moral. E' notavel o seu tratado de pintura e esculptura, e um outro em que se occupou da reforma dos theatros.

O P. Julio Ottonelli, je uita e da mesma familia, a que acima alludimos, viveu nos fins do seculo XVI.

Teve grande intimidade com Affonso, duque de Modena, que o encarregou de negociações importantes. Elle as desempenhou com toda a inteireza e proficiencia.

—
CCL

P. Simão Rodrigues de Azevedo

Este varão apostolico foi um dos primeiros discipulos de Santo Ignacio de Loyola. Nasceu em Vouzella, diocese de Vizeu, e estudava em Paris quando o santo fundador da Companhia o chamou para o seu apostolado. Como todos os seus companheiros, Simão Rodrigues possuia as mais bellas qualidades do coração e do espirito, e como elles estava animado do maior enthusiasmo para trabalhar na santa causa que comprehendia o seu mestre.

O P. Simão Rodrigues de Azevedo foi o primeiro jesuita que, na companhia de S. Francisco Xavier, veio a Portugal, quando D. João III estabeleceu n'este reino aquella Ordem religiosa. Foi o primeiro provincial da Companhia no nosso paiz.

Quando este humilde religioso chegou a Lisboa, o rei offereceu-lhe esplendida hospedagem. Não quiz acceital-a, respondendo: «Os discipulos de Ignacio costumam agasalhar se nos hospitaes, onde se sustentam das esmolos que pedem pelas portas.»

El-rei e todos os grandes da côrte, bem como geralmente toda a gente, receberam os novos apostolos, Xavier e Rodrigues, com a veneração devida ás suas virtudes, e admiraram a sua humildade, abnegação e zelo religioso.

As prégações dos dous jesuitas em Lisboa transformaram por completo

aquella cidade; não se pôde descrever o fructo copioso que d'ellas resultou. Existe uma carta de S. Francisco Xavier ao seu mestre em Roma, na qual relata a mudança operada nos costumes, em Lisboa, por meio dos dous religiosos da Companhia.

Porque os seus sermões não se compunham de historias profanas e fabulosas, nem de questões subtis de theologia, nem eram adornados de flores rhetoricas, nem de linguagem sublime e inintelligivel: eram puros, simples, evangelicos, dignos de varões santos.

O jesuita Simão Rodrigues foi, como já dissemos, o primeiro provincial da Companhia em Portugal. Tinha todas as virtudes d'um religioso; recusou o bispado de Coimbra que lhe foi offerecido; missionou algum tempo no Brazil; foi provincial no Aragoão; e finalmente falleceu na casa professa de S. Roque, em Lisboa, a 15 de julho de 1579. Tinha 70 annos de idade.

Não nos consta que este famoso jesuita publicasse alguma obra; mas o seu nome é glorioso por ser o fundador da Companhia no nosso reino, e por suas virtudes que lhe mereceram o titulo de *Veneravel*.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

A falta de respeito nos templos

N'OUTROS tempos eram os fidalgoes e os nobres os primeiros a darem exemplo de boa educação, de respeito pelas coisas sagradas e pelo culto externo, e de submissão á lei e ao principio da auctoridade. E' que o timbre da antiga nobreza era a pratica da virtude, em toda a sua larga comprehensão: era a sua divisa *la noblesse oblige*, quer dizer que a fidalguia impunha aos que a possuíam a obrigação de se distinguirem do vulgo e das outras classes sociaes pelas suas virtudes e pelas suas luzes; não era pois a antiga fidalguia, como querem os modernos reformadores revolucionarios, um privilegio odioso e offensivo das outras classes sociaes, mas sim um forte e poderoso estimulo para a pratica do bem e para a virtude. O fidalgo que tinha por progenitores homens virtuosos e honrados, cidadãos benemeritos pelos seus feitos e assignalados serviços á patria e á religião, possuia um talisman capaz de o conduzir sempre na esteira seguida pelos seus maiores; as tradições são uma grande força moral que arrastam o individuo

para o cumprimento do seu dever. Hoje porém que os erros da revolução teem destruido estas grandes forças do bem, pretendendo com grave injustiça nivelar todos os homens, sem distincção dos virtuosos e dos devassos e máos, tudo caminha desordenadamente.

Apesar da tão proclamada tendencia da actual sociedade para a democracia, os factos provam justamente o contrario: qualquer proletario oriundo da mais baixa estirpe, se a fortuna o favorece e chega a adquirir meios abundantes, trata logo de nobilitar-se, pelo menos com uma commenda; mas em geral querem um titulo desde Barão até Conde. Actualmente chasqueia-se da nobreza antiga, mas o que é certo é que esses chasqueadores são os primeiros a molharem a sua sopa no mel, todas as vezes que se lhes offerece occasião!

Estão no caso da raposa da fabula, que dizia estarem verdes as uvas a que não podia chegar.

A verdade é que na nossa raça existe uma tendencia muito pronunciada para a fidalguia, digam o que quizerem os falsos prophetas da tal democracia. Os proprios chefes da democracia dizem se taes, porque julgam fazer uns figurões por seguirem ideias oppostas ás seguidas pelo geral dos cidadãos; e assim distinguem-se!

Agora no que ha differença completa é no proceder da velha fidalguia de sangue azul, com tradições de nobreza, e a fidalguia moderna sem tradições. A velha fidalguia tira a sua origem da pratica da virtude, dos serviços assignalados á religião, á humanidade e á patria; e a moderna tira a sua origem do ouro accumulado nas arcas dos novos titulares; dinheiro que nem sempre representa o lucro licito das transacções commerciaes, mas sim usuras e agiotagens pouco limpas, e lucros provenientes de monopolios que são o moderno processo de se explorar a humanidade limpamente e ao abrigo da lei de processo criminal.

Por isso não admira que estes que querem passar por fidalgos, mas que o não são, pois que a verdadeira fidalguia está na pratica da virtude, sejam a pedra d'escandalo da sociedade.

Vamos, por exemplo, a um templo, fazer a nossa visita ao Santissimo Sacramento; o que vemos lá? Vemos a gente do povo, em geral muito devota e em attitude respeitosa; e os *meninos bonitos* que se julgam afidalgados e que estão ali em uma perfeita desordem, sem o menor respeito pelo lugar sagrado e pelos fieis que ali vão orar e implorar a misericordia divina! São tão pedantes estes senhores que julgam fazer uma grande figura, quando aliás representam o ignominioso papel d'insolentes e mal

criados, isto além dos sacrilegios e das faltas de sentimentos religiosos.

Se quem entra em uma casa decente tem obrigação de satisfazer aos deveres de cortezia e de civilidade, muito mais o deve fazer quando entra na casa do Senhor de todos os senhores, na casa do Todo Poderoso que, com um simples fiat creou os mundos universos, e com um aceno tudo aniquilará.

Stultorum infinitus est numerus.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

Deslocação!

A deslocação é o estado da sociedade moderna ou tudo fóra do seu logar no modernismo; para tornar defeituoso um corpo basta que n'elle se dê uma deslocação, torce-se um pé e fica-se côxo, e ali temos o corpo defeituoso; a sociedade torceu o pé, cahiu por embriagada com as novidades e ali a temos defeituosa, e que defeito? gravissimo!

Ha facultativos e algebristas que corrigem defeitos corporeos, porém para os defeitos de ordem moral a razão curativa é outra, e da qual a sociedade enferma tem o delirio de não querer ouvir fallar em sua completa deslocação. Atheia como é a sociedade moderna, está deslocada do sentir religioso, logo está deslocada de tudo que é justo e razoavel; é claro que em taes circumstancias não tem ella moral, ou diz viver na moral independente, o que não passa de um erro e de uma asneira, por isso que moral tem por seu necessario correlativo dependencia e sujeição. O homem não faz a moral; obedece-lhe procedendo justamente, ou não e se torna réo justificando por sua falta. O modernismo tem deslocado e vae deslocando, quanto lhe é possível, cousas e pessoas, pois que sua indole diabolica impelle-o a procurar que não fique pedra sobre pedra, do que sobejam as provas desgraçadamente.

Sobre todas essas deslocações sociaes não é possível haver reconstrucção; sobre as ruinas de um cahido edificio pôde haver uma reconstrucção que apresente novo edificio tão bom e bello, ou melhor, que o cahido; porém as ruinas feitas pelas injustiças e immoralidades não podem servir para sobre ellas ser feito que não sejam outras injustiças e immoralidades. Deslocação do que é recto e justo é solução do que é incorrecto e injusto; a verdadeira philosophia e a boa experiencia assim o affirmam e provam; de tal fórma está sendo visto. Todos, menos os interessados na desordem e cheios de cubiça e ambição, dizem da sociedade moderna: está tudc,

n'esta, funestamente deslocado; os taes interessados tambem o sentem, mas hypocritamente não o dizem, não o confessam. E quando tudo está deslocado na sociedade actual, procuram todos ter n'ella collocação, mas com o fim de acudir ás proprias necessidades temporaes, e sem o cuidado da situação presente morbida social; os taes pretendentes cuidam de si, o que em si mesmo é justo, mas o que seria se não houvesse outros que trabalhassem na sociedade menos a seu favor temporal do que na sustentação dos tres capitulos de justiça: Deus, nós, proximo! A deslocação para collocação propria egoista é moeda corrente e é uma das circumstancias que formam esta sociedade corrupta e assim a vão sustentando.

A collocação indevida é deslocação, sendo especie mui repetida hodiernamente, em que se dá a loucura de todos se julgarem aptos para tudo!

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

Atheus, maçonaria e jacobinos

ATHEU tem a louca ideia de pretender negar a existencia de Deus.

E dizemos pretender, por que os seus argumentos absurdos e sophisticos manifestam á evidencia o lemma da mentira por excellencia. A sua doutrina é suggerida pelo diabo, opposta á verdade ensinada pelo Salvador do mundo, com a qual e seus milagres deu testemunho da sua divindade. Quem o pretenderá negar? Só o diabo e seus satellites com os seus deleterios ensinamentos são capazes d'isso.

Não veiu Nosso Senhor ao mundo para reformar a sua Igreja?

Não se manifesta a auctoridade Divina nos livros sagrados, pregada pelo Salvador nos templos e ao ar livre—palam—e não—clam—como os mações e jacobinos em sessões occultas?

Só o atheu, mações e jacobinos teem a estulta ideia de pensar que hão de preverter o mundo... Nunca o poderão conseguir. Se em certas nações, como em Portugal—que a religião do estado é a Catholica e Apostolica Romana—se vae apagando a fé, n'outras, onde imperava o protestantismo, lá vae ella rebentando com todo o fervor, como em Inglaterra que não tardará que seja arvore frondosa e a Religião do Estado.

O verbo de Deus ha de cumprir-se:

«A Religião ha de ser perseguida e não vencida.» Oh quão admiravel é a omnipotencia de Deus!

Vide os Estados Unidos onde ella existe em todo o seu esplendor, pro-

duzindo admiraveis progressos. A caridade, filha do céo, decretada pelo systema governativo desce até á mais humilde choupana.

O peor cego é o que tem os orgãos visuaes perfeitos e os olhos da intelligencia fechados! Vivem nas trevas e chamam á luz trevas—feis aos preceitos do diabo—sci rei—que tomará posse da sua alma, logo que seu corpo baixe á sepultura, se a tempo se não arrependere. Disse o nosso Alexandre Herculano:

A quem não ouve Deus?

Só nonto ao impio
No cla da afflicção,
Quando peza por seus crimes
O crime da puição!

Na hora suprema que respondereis ao Supremo Juiz?!

A qualquer descrente que ler estas linhas nos parece ouvir dizer: Quem lhe encomendaria o sermão? E nós responder-lhes-emos: O dever de caridade, afim de lhes abrimos os olhos da intelligencia.

A impiedade propala aos quatro ventos que o mundo se fez ao acaso.

Como é que um conjuncto de maravilhas tão admiravelmente combinadas se criaram por si mesmo, independentemente de uma causa omnipotente impulsiva?... Não nos dirá a boa logica que não ha effeito sem causa?

Lemos ha poucos annos uma obra d'um atheu, enfronhado nas sciencias naturaes, na qual com as maiores sandices, absurdos e sophismas pretende persuadir que no principio do mundo as ondas trouxeram para terra uma planta do fundo do mar e d'ella se formára a familia dos macacos, da qual a especie mais perfeita é o homem.

Eis o que a louca impiedade inventa para desautorisar a historia sagrada. Mais d'uma vez temos dito que um mação portuguez—Ramalho Ortigão—fez publicar n'um Almanach Folhinha: «As mães para bem educarem seus filhos não lhes devem ensinar a religião. Só a educação maternal domestica os poderá fazer felizes.» Tal é o estudo que aquelle mação fez a fim de preverter a mãe, que é o germen da familia, a fim de que seus filhos, mais tarde, ao entrar no mundo, ignorando a religião de Christo, aceitem e abraçem a doutrina da impiedade, por que a perdição é certa.

E propalam os apóstolos á moderna que temos progresso, quando não vemos senão retrocesso... por que se a impiedade progride, retrocede a sã moral. Reagis contra o restabelecimento das ordens religiosas?

O capitulo 2.º da Carta Constitucional, artigo 76.º, diz: «O Rei, antes de ser aclamado, prestará na mão do pre-

sidente da Camara dos Pares, reunidas ambas as Camaras, o seguinte juramento: «Juro manter a Religião Catholica Apostolica Romana, etc.» No capitulo 3.º, artigo 79.º: «O herdeiro presumptivo, completando quatorze annos de idade, prestará o mesmo juramento.» No capitulo 7.º, artigo 109.º: «Os conselheiros d'Estado, antes de tomarem posse, tomarão o mesmo juramento, etc.»...

E todavia em 1834 o ministro Joaquim Antonio de Aguiar—o mata frades—teve o arrojo de extinguir as ordens religiosas. Mas a providencia não dorme... por que se houve mão sacrilega que referendou esse infame decreto, ha de haver mão santa e potente que assignará o decreto do seu restabelecimento. Em todos os estados da Europa se conhece ir despontando a aurora do triumpho da Religião Catholica Apostolica Romana. O dedo de Deus anda em tudo isto! As prophcias hão de cumprir-se. Por tanto, quer mações, quer jacobinos, quer anarchistas todos elles são atheus. Ha mais de trinta annos já sabiamos que os ultimos haviam de vir na aproximação do fim da epocha. Poucos dias depois da festa Antoniana em Lisboa, soubemos de fonte limpa que os anarchistas ou jacobinos vestidos com as vestes sacerdotaes roubaram crianças, e levando-as para longe lá as deixaram livres... afim de difundir no povo o odió aos ecclesiasticos. Só o diabo é que lhes poderia suggerir tal trama! Foi pena que a policia não capturasse os fingidos padres, para se conhecerem os malandros.

Temos ouvido a alguns analphabetos e de instrucção acepilhada que o céo, o purgatorio e o inferno é pura invenção dos homens.

Quão loucos são em pretenderem negar o verbo do Filho de Deus!...

Na verdade a sua cegueira é digna de compaixão. Bem disse o Salvador do mundo proximo á morte, no alto da Cruz: «Pae, perdoae-lhes porque não sabem o que fazem.» O que é muito mais para lastimar é vermos alguns professores primarios descrentes em materia de religião e por isso mesmo não tratando de formar o coração da juventude pelos sentimentos religiosos!

Professores primarios, diffundi no animo e coração das criancinhas, que vos são confiadas, a doutrina do Salvador do mundo, por que, sem ella, não ha ensinamento que bem fructifique.

Lembrae-vos d'aquella maxima, tão sublime, que sahiu dos seus purissimos labios:—«*Sinite parvulus venire ad me.*» Deixae que as criancinhas venham a mim. E disse isto aconchegando-as ao seio e afagando-as.

Educae assim a infancia, benemeritos da patria, por que, convictos do bom

desempenho de tão alta missão, bem merecereis da religião e da sociedade.

Mãe de família, cerraes os ouvidos a essas preversas doutrinas que enxa-meiam a sociedade; sois vós que, como mensageiro do futuro, a primeira mestra de vossos filhos lhes deveis formar o coração e o espirito para o bem e para o justo, pelo mesmo ensinamento do Salvador do mundo. E' a boa semente, que lançada em terra virgem, ao alvorecer da vida, vos tornará digna de bençãos na terra, e do premio na vida d'além mundo... Ao mesmo tempo que a mãe prevertida, obedecendo ás seitas, que teem por seu patrono o diabo, serão amaldiçoadas na terra, se antes, quando fôr tempo, se não arrependarem, terão a condemnação eterna.

Leitor sensato, confiaes na divina Providencia, que pela voz dos seus prophetas nos diz que está proxima a epocha do triumpho da Igreja Catholica Apostolica Romana.

Faro.

JOSÉ MARIA GUERREIRO.

A orphã

SIL-A!... tão pallida e tão triste, essa meiga creança que no periodo risonho da infancia, percorre vagarosa e tímida as ruas da cidade implorando humildemente o obulo da caridade!

Pallida e triste, ella rivalisa em formosura, em simplicidade e em candura com as filhas dos ricos soberbamente vestidas, que quasi não sabem nem conhecem o que é simplicidade e candura!

Eis que pára á porta d'uma casa grande e abastada, onde se ouve continuamente o lidar constante dos seus servos: é a casa do rico. Ella implora humilde e timidamente uma pequena esmola que é o seu pão quotidiano; mas... de balde! Nem ao menos lhe lançam um olhar de compaixão! Continua esperando; mas, eis que a sua presença é notada por um cão malevolo da casa que tenta perseguil-a obri-gando-a a fugir.

Então, chorosa, sentindo já os horrores da fome e vendo quasi frustrada a esperança de levar a quotidiana esmola áquella que a creara e a quem se acostumara sempre a chamar mãe que era todo o seu amor, tentou ainda um esforço. Vae á igreja, fixa attentamente a imagem da Virgem que jazia no seu altar adornado de açucenas, e chorando dirige-lhe uma prece que sua mãe lhe ensinara a recitar. Pedia-lhe ella a sua protecção e a graça de

tocar os corações dos homens a quem pedia esmola para si e para aquella que lhe servia de mãe.

Isto costumava ella sempre fazer todas as vezes que via frustrada a esperança de lhe levar o alimento quotidiano.

Mas, parecendo-lhe vêr um sorriso na imagem da Virgem, dirige-se a uma casa proxima mais modesta que a primeira, e estaciona ao pé, pois que não ousa entrar no pateo, aterrada pela presença de um cão que jazia mansamente á entrada. Este, porém, não se moveu; apenas, ao fixal-a, lhe lançou um olhar que parecia de compaixão. Um pouco animada chega-se ao pátio das escadas e ali permanece até que uma meiga creança da casa, vendo-a, corre dizer a sua mãe que uma menina pobresinha pedia esmola.

Ao vel-a, aquella mãe carinhosa compadeceu-se do misero estado da pequena orphã, e mandando-a entrar, dava-lhe esmola querendo mitigar-lhe ali a fome; mas a pobre menina não pôde acceder, dizendo-lhe que pedia a esmola não só para si, mas tambem para aquella que a tiuha creado e a quem chamava mãe.

Então aquella caridosa mulher enxugando duas lagrimas que lhe deslissavam pelas faces contemplou pensativa aquella menina orphã que se ausentava satisfeita com a esmola recebida.

Pensava ella na sua pobreza e indigencia, no estado triste e humilhante condição em que a pobre menina jazia; e considerando assim a pobreza em geral comparada com os ricos que só pensam nos seus prazeres e que olham os pobres com desprezo, não cessava de exclamar de si para si: «Bemdito seja [Deus!] como é triste a pobreza! Esses infelizes que vagam de porta em porta implorando o obulo da caridade, certamente terão o céo em recompensa porque soffrem pelo amor de Deus. Mas aquelles que vivem immersos no prazer ephemero fallaz, não podem ir para o céo, porque... O meu Deus, vós sois justo»

F. G.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre direitos parochiaes

Nos fins do seculo XVI só havia uma parochia na povoação de Caccabo, da diocese de Palermo, na igreja de S. Jorge. Tendo o Arcebispo advrtido no visita pastoral que, por ter augmentado o numero dos fieis, não

podiam ser devidamente attendidos no espirital, publicou em 1584 um decreto no qual, usando das facultades que lhe concedia o santo Concilio de Trento, erigiu outra parochia na igreja da Annunciação, reservando contudo á igreja de S. Jorge a primazia e unido e incorporando a nova parochia á primitiva: quiz que a nova parochia fosse distincta da matriz quanto á administração dos sacramentos e celebração dos demais officios, e designando a parte do povo que devia pertencer á nova parochia, mandou que fosse regida por dois presbyteros que exercessem a cura d'almas na forma do costume, os quaes haviam de ser nomeados pelo Arcebispo e seus successores, depois de previo e rigoroso exame. Além do referido, proveu á congrua sustentação dos alludidos sacerdotes.

Pouco depois da dita erecção, surgiram questões relativas ao exercicio dos direitos parochiaes entre os ditos sacerdotes e o Arcypreste e clero da igreja matriz, reproduzindo-se n'estes ultimos annos, até que em 1882 os presbyteros da Annunciação se queixaram ao Arcebispo da diocese, o qual, desejando pôr termo a ellas, ordenou que as partes apresentassem respectivamente os documentos em que apoiavam o seu direito. Com effeito, em junho do dito anno o tribunal metropolitano ditou sentença favoravel aos parochos da Annunciação, declarando a dita parochial livre e independente da matriz, apesar d'ambas estarem sujeitas a um só parochio, ficando salvaguardadas as honras e primazia da matriz; facultava-se ao clero da Annunciada o acompanhar os cadaveres do seu districto parochial, assistindo o parochio ou os capellães sacramentaes, com cruz alçada, desde a casa mortuaria até ao cemiterio, passando sem difficuldade pelo territorio da matriz: se o clero da Collegiada assistia aos ditos enterros, o parochio ou o sacerdote mais antigo da mesma devia pôr a estola e benzer os cadaveres, caminhando a par com o clero da parochia com a cruz collegial, deante do Cabido: mandava-se aos freguezes da Annunciação levar os meninos a baptisar á sua parochia, e de modo algum á matriz, a não ser que o parochio o consentisse: declarava-se que o Cabido da Collegiada não tinha o direito exclusivo de celebrar as funcções sagradas nas igrejas d'outro districto parochial, cujo clero tinha facultades para as celebrar, com annuencia do parochio: tambem se declarava o direito da dita parochia de conservar os livros parochiaes, e expedir os certifiçados que se pedissem, os quaes deviam ser firmados pelo parochio ou capellães, porém não pelo Cabido: a parte contraria foi condemnada nas custas do processo.

D'esta sentença appellaram para a Sag. Cong. do Conc. alguns Conegos como representantes da Collegiada. Por isso o Arcebispo, intimado pela referida Sag. Cong., informou que os tres seculos decorridos desde a creação da nova parochia haviam sido tres seculos de continuas questões; que dois annos depois já o Arcypriste se julgou competente para nomear os capellães da nova parochia, contra o decreto terminante da fundação que estabelecia que fossem nomeados pelo Arcebispo; que, todavia, o pretendido direito se havia reconhecido na pratica, contra a vontade d'aquelle Prelado, devido ao que se originaram todos os pleitos, inimizades e pretensões do Cabido com respeito ao clero da Annunciação, aos quaes julgou conveniente pôr termo, ditando sentença em favor do mencionado clero, conservando as honras e preeminencias da matriz.

Por ambas as partes se allegaram as razões de que se julgavam assistidos, e tendo se formulado a pergunta de: «Se a sentença do Tribunal Metropolitano de Palermo devia confirmar-se ou revogar-se», a Sag. Cong. do Conc. respondeu em 5 d'abril de 1835: «Reportem-se á mente da Sag. Cong.; a mente era que o Arcebispo erigesse na igreja da Annunciação, tanto quanto possível, um verdadeiro beneficio parochial; que se conferisse na devida fórma, deixando salvaguardados os direitos da *matricidade* em favor da igreja de S. Jorge; e quanto ás custas do primeiro juizo, o Arcebispo proveja de *bono et equo* o que julgue conveniente.»

SECÇÃO LITTERARIA

Mãe (1)

Echo suave, meigo, terno,
Que na terra vem pairando,
Tão sonoro, como brando,
Em brizas de santo amor:
Elle traz-nos d'ab eterno
Um consolo peregrino,
Esse alento matutino,
Que ninguém achou melhor.

Suave, terno, onde passa,
Deixa sempre um certo orvalho,
Corta aragem, agasalho
D'um amante coração:
Um perfume, que tem graça,
Porque a todos captivando,
Vem em todos suscitando
Terna e santa sensação.

(1) Poesia recitada pelo snr. José Francisco da Silva, na Academia de 3 de março em honra de Leão XIII, na Mocidade Catholica do Porto.

E o cón rico em seus favores,
A mãe dupla a todos dera.
Sendo sempre a mãe sincera
A que é mãe do nosso ser:
A segunda, meus senhores,
Esta patria, em que nascemos,
A quem sempre tanto temos
Todos nós que agradecer.

Aqui jazem no sepulcro
Essas cinzas dos maiores,
Que nos deram esplendores,
Nome, lingua e pavilhão:
E sob cón tão puero,
Jardins, casas, matas, prados,
Vinha e valles cultivados,
Que tão bellos, ricos são.

Das virtudes os exemplos
Nos deixaram palpitantes,
D'heroismo, qual gigantes,
Que na historia escriptos vão;
Levantaram esses templos
Majestosos e tão bellos,
Que memorias e castellos
De piedade e de fé são.

E quem triste não venera
Dos maiores a memoria,
Quem não vive á luz da historia
D'osse povo em que nasceu,
As entranhas dilacera
Da mãe patria, tão querida,
Miservel patricida
Nunca é nobre, mas plebeu.

Mas agora, saibam todos,
Que esta nossa juventude
O civismo por virtude
E por mão a patria tom:
E quer ella por mil modos
Ir d'accordo com a historia
E levantar a memoria
Das nossas glorias tambem.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Saudação a Leão XIII (1)

Iacinto successor do Pio o Grande,
Sapiente Leão, que, com mão forte,
Guias do Pedro a Bireza com tal norte,
Que a celeste Sião certa demande:

Lume do Céu, que sobre nós derrama
Raios de deslumbrante claridade;
Alma d'anjo, que em viva caridade,
Para o mundo salvar todo te inflammas;

Pae, dos paes todos o mais terno e digno;
Rei, que tens por imperio a tuteira terra;
Varão, dos varões justos gloria e pasmo:

(1) Sonetos recitados pelo snr. Vicente Fructuoso da Fonseca, na academia de 3 de março, na Mocidade Catholica do Porto

Dos filhos tous o mais humilde e indigno,
Mas que extremoso amor no seio encerra,
«Salvé!» te brada em fervido enthusiasmo.

* * *

E se haurido co'o bibe não tivora
De Christo a fé, que a Igreja guarda pura,
Inda assim preto da alma te rondora,
Absorto ante essa magostade e altura.

Pois ao ver-te na fonte alta, divina,
Beber essa eloquencia arroubadora,
E, em torrentes do angelica doutrina,
Espargir a palavra salvadora;

Do mundo em meio tormentoso, amilcto,
Brilhante qual pharol, forte qual cedro,
O porto lhe apontar doce e celeste;

Eu me prostrára, centurião convicto,
E clamaria: «Esto em verdade ó Pedro,
O Vigário immortal de Christo é este!»

ANTONIO MOREIRA BELLO.

A Caridade e o peccador (1)

Ralado pelo abutre immane do remorso,
Proza do desespero e sem calma nem paz,
Misero coração, perdido todo o esforço,
Em fundo dosakuto e desamparo jaz.

Eis que, nuncio do céo, o anjo da Caridade,
Sob as graves folções de padre doce e bom,
Vencendo óbices mil da fora impiedade,
Murmura ao desgraçado em carinhoso tom:

A Caridade

Sou eu, filho das chagas da alma balsamo,
Chamo-me dos peccados o perdão:
Podem seccar do oceano as aguas férvidas;
A Caridade, essa não secca, não!

Um momento me escuta e tranquillisa-te:
Fallar-te venho em nome do Senhor,
Ao veneno do mal trazer-te antidoto,
A paz do coração, de Deus o amor.

O peccador

São muitas minhas culpas, são innumerás!
Tanta vez offendido touho a Deus,
Que impossivel fazer-me ó tanto o cómputo,
Como ao Céu perdoar os orros meus.

A Caridade

Socega: ignoras seu infinito numero?
Sabo-os, para perdoar-t'os, o Senhor,
Que conta assim os grãos da neve candida,
Como as manchas do triste peccador.

(1) Poesia recitada na academia de 3 de março, em honra de Leão XIII, na Mocidade Catholica do Porto, pelo snr. Antonio Antunes Falcão do Oliveira.



S. RAYMUNDO, ABBADE

Das Escripturas diz o santo oraculo,
Que, so ha das culpas funda contrição,
Inda quando da cõr sejam da purpura,
A brancura da neve alcançarão.

O peccador

Não innumeros só, mas torpes, hórridos,
Os meus peccados são, negros e vis:
Do mal vendo a meus pés rasgar se o pé: go,
Retroceder caminho jámais quiz.

A Caridade

Vencida a celestial misericordia
Pela humana miseria pôde ser?
Não! que a misericordia é sempre sófrega
Por da miseria o cúmulo vencer.

São tuas culpas negras e pestíferas?
Mas eis que o sangue vem do Christo-Rei
Dizer ás culpas tuas: Eu no Golgotha
Por cobrir-vos corri; desapareci!

O peccador

De duvidas povoado o meu espirito,
Calmal-o a confiança luda não vem:
Perdoado tanta vez, relapso pérfido,
Os meus crimes caugado a Deus não têm?

A Caridade

Certo, entre os homens, alliviar miserias
E' tarefa que acaba por ençar;
Mas, se os braços fatiga do homem languidos,
De Deus não pôle os braços fatigar.

Quando cahidos, do cansaço victimas,
Saibas os meigos braços do Jesus,
Entrada podes dar no seio á duvida,
E perder da esperanza a doce luz.

O peccador

Ai! juramentos, negregados vinculos
Prendem-me ás obras vis do Satanás!
E'-me cerrado o venturoso Empyreo,
E para mim patente o inferno jaz!

A Caridade

Teus juramentos puros, sacratissimos,
Do baptismo e primeira communhão,
Tém mor valor, e nullos tornam, irritas,
Os filhos da imprudencia e da illusão.

Mas por de todo serenar teu animo,
A Igreja, que de Deus tem seu poder,
Das sinistras promessas absolvendo-te,
Te quer no santo seio recolher.

O peccador

Padre, então, por tal vida de ignomínia,
Da vicio, de revolta e crime atroz,
Que rigorosa e enorme penitencia
Me vae impor a tua irada voz!

A Caridade

Filho, de contrição com ternas lagrimas,
Prostrando-te ante o symbolo da Cruz,
Uma e mil vezes dize da alma no intimo:
Perdão, ó Christo! amo-te, ó meu Jesus!

E ora que és prisioneiro do amor cóllico,
O verbo escuta do teu Deus veraz:
São perdoadas tuas culpas; ergue-to,
Filho do Céu d'lecto, e vae-te em paz!

Oh portentosa voz de angelical accento,
Que inunda o coração de ondas de paz e luz!
Do tremedal da culpa ergue o arrependimento
O duro peccador nos braços de Jesus!

E a delicia d'aquella alma regenerada
Viva se reproduz entre os coros dos céos,
Pois do humilde levita a phrase sublimada
Nas alturas confirma a excelsa voz de Deus!

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Homilias Evangelicas

ACABA de sahir á publicidade, entre nós, o I volume d'uma obra esplendida, já desde ha muito anciada pelo nosso clero estudioso: — *EVANGELHIOS DOS DOMINGOS E DAS FESTAS DE TODO O ANNO. Explicação do texto sob a fórma de Homilias, segundo a exposição dos SS. Padres e dos interpretes catholicos, pelo Padre F. X. Schouppe, da Companhia de Jesus.*

O nome d'este famoso auctor, já tão conhecido e apreciado em Portugal por seus optimos compendios em alguns ramos de Theologia, é de per si só testemunho sufficiente para recommendar o grande merito da publicação supra.

A obra não é inteiramente nova em nosso paiz: pois temos visto irom apparecendo por ali, ainda que raramente, alguns exemplares d'ella, ou no original latino, cuja tiragem tem já attingido a 7.^a edição, ou na versão franceza, que vae tambem já na 2.^a ou 3.^a edição. Porém agora, que o benemerito e conhecido editor portuense, snr. *Mesquita Pimentel* teve o louvavel arrojado de mandar verter para a nossa lingua, por pessoa competentissima, a referida obra, prevemos que será ella brevemente adquirida e espalhada, não só pela maioria do nosso clero, mas até pelos leigos mais ou menos instruidos.

E com effeito, a segura e compendiada explicação dos *Evangelhos* pelo douto P. Schouppe, é um thesouro abundante e precioso onde os Rev.^{mos} Parochos e demais clero podem encontrar, com methodo e lucidez, as Praticas, Homilias e até sermões que desejem fazer no seu respectivo ministerio. E os leigos mais desejosos de alguma erudição religiosa, ou que quizerem aprofundar mais o seu espirito nos ensinamentos fecundos dos *Evangelhos*, encontrarão alli igualmente explanadas

por um theologo eminente as salutaes doutrinas do Salvador.

A substancial *Introdução* dos *Evangelhos* de Schouppe comprehende umas noções claras dos diferentes sentidos na interpretação biblica, rudimentos prévios e imprescindiveis para a boa comprehensão e genuina explicação dos *Evangelhos*.

Em seguida vem um apreciabilissimo *Summario da Historia Evangelica, por ordem chronologica*. E' tambem um estudosinho, se não indispensavel, ao menos utilissimo, para um humiliasta e orador sagrado, que deseje dignamente sel-o, se orientar bem sobre as epochas e logares em que Jesus Christo estanciou enquanto viveu sobre a terra.

Em terceiro lugar apparecem-nos duas paginas curiosissimas: contêem ellas as *Principaes distancias dos logares percorridos pelo Salvador* no decurso da sua vida mortal, desde a sua Encarnação até á Paixão. Este epitome de logares e de numeros, que parece de mera curiosidade, tambem não é destituído de importancia: as distancias percorridas pelo Salvador são outros tantos motivos valiosos d'onde o humiliasta ou o orador pode tirar partido para inculcar aos ouvintes a pratica de grandes virtudes moraes, que então Jesus Christo nos exemplificou.

Depois começam propriamente os *Evangelhos*, com as respectivas explicações. O methodo que então segue o auctor é magnifico. Apresenta em primeiro logar o *Evangelho* do dia, tal qual se encontra no Missal Romano, com a competente citação biblica.

E' immediatamente, em forma de nota, vêm os logares paralelos dos outros Evangelistas, que desenvolvem ou elucidam um ou outro ponto do referido *Evangelho*. D'aqui conclua-se o maximo interesse d'essas mesmas notas.

Por ultimo, o auctor desenrola-nos então as explicações do respectivo *Evangelho*; dizemos explicações, porque nada menos de duas, uma *literal* e outra *mystica* ou moral, acompanham sempre cada um dos *Evangelhos*. Fecundissima, pois, como se vê a obra dos *Evangelhos* do eminente Padre Schouppe!

Este I volume comprehende os *Evangelhos* desde o 1.^o Domingo do Advento até á *Ascensão do Salvador*, incluindo os das Festas da *Purificação* e *Annunciação* de N. Senhora, e o de *S. José*.

Oxalá que o clero e fieis, com a obtenção rapida do I volume d'esta obra, recompense os esforços do sollicito editor, estimulando-o a brevemente nos fornecer, e com a mesma nitidez, o II volume d'esta magnifica obra.

UM DACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Jechonias rende-se ao rei de Babylonia

(Vid. pag. 75)

JECHONIAS, que tambem se chamava Joaquim, commetteu as mesmas impiedades e exações que tinham deshonrado o reinado de seu pae, rei de Judá. Jeremias foi encarregado pelo Senhor de o exhortar a humilhar-se e a fazer penitencia; mas Jechonias zombou do propheta. Então o Senhor fez-lhe ouvir por bocca de Jeremias estas terriveis palavras: «Tão certo como eu viver, — diz Jehovah — ainda que Jechonias, filho de Joaquim, rei de Judá, estivesse como um anel na minha mão direita, eu o arrancaria para fóra. E hei de entregar-te ás mãos dos que te buscam e ás d'aquelles cuja força receias: ás mãos de Nabuchodonosor, rei de Babylonia, e ás dos Chaldeus. Eu te lançarei a ti e a tua mãe n'uma terra onde não nasceste, e lá ireis morrer. A vossa alma suspirará por este paiz, pelo logar do nascimento, mas nunca mais cá voltarão. Não será Jechonias um cantaro quebrado, um cantaro de barro? Castiguei-o com a impotencia; nada lhe correrá bem enquanto fôr vivo, e da sua linhagem não sairá homem que se sente no throno de David e reine em Judá.»

N'aquelle mesmo anno (598) mandou Nabuchodonosor aos seus generaes que puzessem cerco a Jerusalem. Depois dos generaes terem aberto uma circumvallação em volta da cidade, veio Nabuchodonosor com mais tropas e dirigiu o ataque. Deus acabrunhou os Judeus com tantas e tão grandes calamidades, durante o assedio, que nunca se tinham visto outras assim. A fome grassou tão cruelmente entre os sitiados, que um pae comeu o proprio filho e outro a filha. Não podendo Jechonias prolongar a resistencia, saiu da cidade e foi entregar-se ao rei de Babylonia, elle, a mãe e os generaes, os eunuchos e os conselheiros.

Jechonias e sua mãe com as mulheres, os eunuchos e todos os officiaes do seu palacio foram considerados captivos.

*
* *

S. Raymundo, abbade

(Vid. pag. 81)

O abbade Raymundo era natural de Tarrazona, segundo a opinião mais commum.

Foi o fundador da ordem militar de Calatrava.

Tendo concluído a carreira ecclesiastica, foi nomeado conego de Tarrazona. Mais tarde, porém, deixou a patria e dirigiu se para o deserto, para cuidar unicamente da sua salvação.

Entrou para a Reforma de Cister, fundada pelo abbade de Molesme. Fez a sua entrada no celebre mosteiro de *Scala Dei*, na Gasconha.

N'aquelle tempo andava o rei D. Sancho em guerra com os mouros e com seu irmão Fernando de Leão, e como os templarios, vendo que não podiam resistir aos ataques dos sarracenos, auxiliados por Miramolim e pelo seu poderoso exercito, declararam ao rei que não podiam continuar a defender a fortaleza de Calatrava, o rei mandou que se fizesse publico: «que se havia alguma pessoa poderosa que quizesse tomar a seu cargo a defeza de Calatrava, lhe seria dada esta praça de juro e herdade para ella e seus herdeiros com todos os seus termos, castellos e aldeias.»

Frei Diogo Velasques participou ao nosso santo o desejo d'aceitar a defeza e conservação de Calatrava, e tendo ambos vindo a um accordo, dirigiram-se ao rei, o qual, por escriptura feita em Almazan em janeiro de 1158, concedeu a doação e senhorio de Calatrava ao abbade Raymundo e seus successores no referido mosteiro de Hidero.

D'ahi a pouco partiram para Calatrava Raymundo e o seu companheiro, que, com gente e armas que haviam reunido, fortificaram e abasteceram a praça, pondo-a ao abrigo dos ataques dos mouros. Foi esta a origem da celebre Ordem de Calatrava.

Passados mezes, tiveram os mouros alguns encontros com os monges, ficando os mouros sempre derrotados.

Divulgada a fama d'este heroe do catholicismo, muitas pessoas foram alistar-se sob o commando de Raymundo e outras consagraram-se a Deus na milicia sagrada, professando o seu instituto.

O santo abbade fundou a Ordem militar de cavallaria de Calatrava para honra, utilidade e segurança do christianismo na Hespanha, para distinguir e recompensar o heroismo da sua nobreza, para realçar o decoro da Igreja de Jesus Christo e para dar esplendor e reputação aos votos monasticos. Esta celebre Ordem foi incorporada á de Cister, sendo approvada e confirmada pelo Papa Alexandre III em 1164.

Raymundo governou a Ordem com o titulo d'abbade, até que foi creada a dignidade de mestre, o que se realisou no anno sexto da fundação da mesma.

Raymundo consagrou-se então inteiramente ao serviço de Deus, e continuou a viver uma vida exemplar. Fal-

leceu na villa de Ciruelos, proximo de Toledo, no dia 15 de março de 1166.

SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu ha dias, no Porto, na avançada idade de 92 annos, o presado assignante do *Progresso Catholico*, ex.^{mo} snr. Domingos d'Almeida Ribeiro. Fôra professor de grego no lyceu do Porto e era muito illustrado.

Catholico de firmissimas crenças, não as occultava nunca, quer falando na sua cadeira de professor, quer em conversas publicas ou particulares.

Possuindo bens de fortuna, soube fazer bom uso d'elles. As casas religiosas e os pobres, que o estão chorando, que o digam.

Pedindo aos nossos leitores que orem pelo eterno descanso do illustre finado, enviamos a toda a familia dorida, e em especial a sua ex.^{ma} esposa, os nossos peza mes.

—Tambem falleceu em Braga, na promettedora idade de 17 annos, o snr. José Alberto da Cruz Faria, estremenoso filho do nosso bom amigo, acreditado negociante e excellent catholico, snr. Manuel João de Faria.

Ao nosso bom amigo enviamos peza mes, e aos leitores pedimos se não esqueçam nas suas orações da alma do finado joven.

RETROSPECTO

O episcopado e o Apostolado da Oração

Pelo rev.^{mo} sr. Padre Bento José Rodrigues, digno director Central do Apostolado da Oração, foi-nos enviado um folheto como o titulo que nos serve d'epigraphe.

Do que trata o opusculo dil-o o rev.^{mo} snr. Director Central no seguinte prologo:

Occorrendo em 1896 o vigessimo quinto anniversario do Apostolado da Oração em Portugal e suas colonias, o Director Central julgou ser occasião opportuna para promover o desenvolvimento d'esta pia Obra, que é tão sympathica e tão admiravelmente fecunda. Neste sentimento se dirigiu ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Nuncio Apostolico, aos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Prelados e em geral aos amigos do Sagrado Coração de Jesus.

Ao Nuncio de Sua Santidade para por todos os meios ao seu alcance, nos prestar o seu auxilio.

Ao Episcopado do continente, ilhas adjacentes e colonias, já tão benemerito do Apostolado da Oração para qua, embora este esteja approvado em todas as dioceses do reino, se dig'assem Suas Ex.^{as} Rev.^{mas} confirmar essa approvação e appoar o maior desenvolvimento da devoção ao S. Coração de Jesus por meio d'este seu orgão providencial.

A todos os amigos do S. Coração de Jesus, para que trabalhem por tornar mais conhecido o nosso querido Apostolado da Oração, certos que contribuirão com isso mesmo para ser mais conhecido e amado o S. Coração de Jesus.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr Nuncio Apostolico benignamente se dignou annuir ao nosso pedido. A voz dos nossos venerandos Prelados já se fez ouvir por uma forma efficaz e consoladora. Esperamos pois, que tambem os restantes amigos do S. Coração de Jesus não hão de ficar mudos ao nosso chamamento.

Passamos a transcrever as respostas assim do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Nuncio Apostolico como dos meratissimos Prelados, e a convocação que dirigimos a todos os mais fieis amigos do S. Coração de Jesus, apresentando aquellas respostas pela mesma ordem com que esses importantissimos documentos foram datados pelos venerandos Prelados.

Approvaram e elogiaram o Apostolado da Oração, e alguns d'elles o *Novo Mensageiro*, excellent revista orgão do Apostolado, os seguintes Prelados: Nuncio Apostolico, Arcebispo de Braga, Cardeal Bispo do Porto, Bispo de Beja, Ex.^{mo} Cardeal Patriarcha, Bispos de Coimbra, e de Bragança, Arcebispo Bispo do Algarve, Arcebispo d'Evora, Prelado de Moçambique, Bispos d'Angra, da Guarda, de Lamego, de Vizen, Arcebispo-Bispo de Portalegre, Bispos d'Angola e Congo, Bispo do Funchal, Bispo de S. Thomé e Principe e Bispo de Macau e Timor.

Desejando todas as prosperidades á santa obra do Apostolado da Oração, por meio da qual se ha de, — temos essa pia crença — rechristianisar o nosso querido Portugal, agradecemos o brinde do opusculo.

Associação da Mocidade Catholica do Porto

Esta associação enviou a Sua Santidade, por intermedio do Ex.^{mo} Nuncio Apostolico, a seguinte mensagem de congratulação por occasião do 18.^o anniversario da sua gloriosa coroação:

Santissimo Padre No dia tão faustoso do anniversario da Vossa gloriosa Coroação, vimos nós—os membros da nascente Associação da Mocidade Catholica do Porto—juntar as nossas sinceras e ardentes felicitações ás milhares que, n'este dia, recebeis de filhos Vossos, espalhados por todo o mundo.

Pouco valem os, Pae amorosissimo, mas esse pouco o pomos de todo o coração ao serviço de Deus, da Igreja e do Supremo Chefe da Christandade.

Tres amores, Santissimo Padre, abriga e enche o nosso coração: o amor de Deus e de Sua honra e gloria; o amor

da Egreja e o triumpho e prestigio do Papado; o amor da Patria e a continuação das nossas gloriosas tradições, devidas ao estreito enlaçamento da Cruz e da Espada.

Catholicos e patriotas — é o nosso lemma e a constante aspiração dos nossos corações.

E porque sabemos, Santissimo Padre, que é isto o que Vós desejaes, Vos promettemos, solemnemente, n'este dia tão faustoso para Vós e para toda a Christandade, que havemos d'empregar todos os esforços para conservar immaculado o titulo glorioso de filhos amantissimos da Egreja Catholica e o honroso e digno de filhos dedicados da Nação Portugueza, que tão querida Vos é, e a cujos filhos Vossa Santidade exhortou, no discurso que pronunciou no dia 26 d'abril de 1888, quando Se dignou de receber a peregrinação portugueza, a que marchassem sob as pisadas dos seus antepassados e dessem outra vez ao mundo o espectáculo da fé laboriosa, como nos tempos idos.

Para conseguir isto, recommendou Vossa Santidade aos Portuguezes que se puzessem d'accordo e se enchessem de coragem na profissão e defeza da Religião.

Pela nossa parte, Santissimo Padre, estamos dispostos a seguir escrupulosamente os Vossos sabios conselhos: professamos abertamente a nossa augusta Religião e defendemol-a como podemos e sabemos; e estamos em estreita união com o nosso Eminentissimo e venerando Prelado, a quem pedimos a benção ao iniciar os nossos trabalhos, e ao menor aceno do qual formaremos em linha de combate como soldados firmes e resolutos.

Quando Vossa Santidade estiver agradecendo a Deus Nosso Senhor, no dia anniversario da Sua gloriosa Coroação, o beneficio de Lhe ter prolongado a preciosa vida, estaremos nós tambem, no templo, a pedir ao Chefe Invisivel da Egreja que conserve e dilate a vida de Vossa Santidade e continue a assistir-Lhe com Suas luzes, para maior lustre e esplendor do Papado; e n'essa mesma noite nos reuniremos, na séde da nossa Associação, em solemne Academia, para celebrar as glorias do Papado e as de Vossa Santidade.

Afim, porém, de que d'estes nossos actos resulte maior honra e gloria para Deus, para a Egreja e para Vossa Santidade, como é nosso intuito, pedimos a Vossa Santidade Se digne de lançar-nos a Sua benção como penhor da do Céu.

De Vossa Santidade,

Humildes filhos,

Manuel Fructuoso da Fonseca,
Presidente.

Joaquim da Silva Mello,
Antonio Pereira do Amaral,
Vice-presidentes.

José de Souza Ribeiro,
João Rodrigues Machado,
Secretarios.

José d'Almeida Nazareth,
Jssé d'Oliveira Guedes,
Theoureiros.

Dr. Padre José Rodrigues Cosgaya,
Assistente Ecclesiastico.

Em resposta, o presidente da Mocidade Catholica, Manuel Fructuoso da Fonseca, recebeu as seguintes cartas:

Lisboa, 28 de março de 1896.

... Snr. e amigo.

Junto com esta receberá V... a carta com que o Eminentissimo Snr. Cardeal Secretario d'Estado de Sua Santidade agradece á benemerita Associação da Mocidade Catholica do Porto a bella Mensagem que, por meu intermedio, enviou ao Santo Padre por occasião da sua coroação. Dando-lhe os meus parabens pela mesma carta, e louvando e estimando os trabalhos que V... tem emprehendido em favor da Santa Egreja de Deus, com os meus cordeaes cumprimentos tenho a honra de me assignar

De V... etc.

† D., Arcebispo de Tyro, Nuncio Apostolico.

—
Ilmo Signore.

Monsig. Nunzio Apostolico presso cotesta Corte, mi ha invinto l'indirizzo col quale V. S. Illma, il Vice Presidente, i Segretarii, i Tesorieri e l'Assistente Ecclesiastico della Società Catholica da Lei si degnamente presieduta, in nome anche di tutti i soci, esprimerano i loro filiali sentimenti verso il Padre comune de' fedeli nella ricorrenza anniversaria della sua coronazione. Sua Santità da questo indirizzo e dal rendiconto dell'Accademia tenuta dalla Società in tale circostanza, pubblicato dal giornale «A Palavra», ha rilovato con quale ardore la Società Le augurava felicità, lunga vita e quanto sia disposta a seguirne i desiderii sotto la direzione dell'Emo Pastore per la gloria di Dio, per l'esaltazione della S. Chiesa seguendo i nobili esempi lasciati ad essa dai suoi illustri Maggiori, L'Augusto Pontefice è rimasto veramente consolato per la particolare dimostrazione d'affetto fattagli da cotesi suoi figli e mi ha commesso di attestare alla Società stessa che nutre verso di lei la più paterna benevolenza, che attende da essa ottimi frutti pel bene spirituale non solo de' socii,

ma anche dei loro concittadini e che implorando dal Signore le più elette grazie sopra di essi e le loro famiglie, dall'intimo del cuore li benedice.

Lieto di compiere d'incarico affidatomi da Sua Santità, ho il piacere di raffermarmi

Di V. S. Illma,

Roma, 20 de Marzo 1896.

Affmo per servirla,

M. Card. Rampolla.

Sig. Manuel Fructuoso da
Fonseca, Presidente del-
la Gioventù Catholica.
Porto.

—
TRADUÇÃO

... Snr.

O Ex.^{mo} Nuncio Apostolico junto d'essa Côte, enviou me a Mensagem com que V..., o Vice-Presidente, os Secretarios, os Theoureiros e o Assistente Ecclesiastico da Associação Catholica por V. dignamente presidida, e em nome tambem de todos os seus associados, exprimiram os seus filiaes sentimentos para com o Pae commum dos fieis por occasião do anniversario da sua coroação. Por essa Mensagem e pela narrativa, publicada no jornal *A Palavra*, da Academia effectuada na referida Associação por essa occasião, Sua Santidade pôde conhecer com que ardor a Associação Lhe desejava felicidades e longa vida, e quam disposta está a seguir-Lhe os desejos, sob a direcção do Em.^{mo} Pastor, para gloria de Deus e exaltação da Santa Egreja, seguindo os nobres exemplos a ella legados pelos seus illustres maiores. O Augusto Pontefice ficou verdadeiramente consolado pela particular demonstração d'affecto que lho deram os seus referidos filhos, e encarregou-me de participar a essa Associação que nutre para com ella a mais paternal benevolencia, que d'ella espera optimos fructos para bem espiritual não só dos seus associados, mas tambem dos seus concidadãos, e que implorando do Senhor as celestes graças para elles e para suas familias, do intimo do coração os abençoa.

Satisfeito de cumprir a missão que me foi confiada por Sua Santidade, tenho o prazer de dizer-me

De V., etc.

M., Cardeal Rampolla,

Sur. Manuel Fructuoso da
Fonseca, Presidente da
Mocidade Catholica do
Porto.

—
A coroa de espinhos

Entre as diversas reliquias que existem em Notre Dame de Paris, mencio-

na-se a corôa de espinhos, que fôra outr'ora trazida á capital da França pelo rei S. Luiz.

Essa corôa foi ultimamente, por ordem do Em.^{mo} Cardeal Arcebispo de Paris, mettida em um formoso relicario de crystal de rocha adornado de diamantes e outras pedras preciosas.

A santa reliquia foi apresentada á veneração dos fieis, na egreja de Notre Dame, durante a Semana Santa.

As Ordenações anglicanas

Está em Roma a commissão especial delegada pelo Em.^{mo} Cardeal Vaughan, Arcebispo de Westminster, composta do snrs. Conego Moyes, Padre Gasquet, beneditino, e do Padre David, franciscano, a fim de submeterem á apreciação do Soberano Pontifice a collecção documentada dos testemunhos historicos, hem como os argumentos theologicos relativos á grave questão das ordenações anglicanas.

O Soberano Pontifice vae entregar o exame de todos estes documentos ao tribunal do Santo Officio. A opinião corrente em Roma é que o *verdictum* d'este tribunal será contrario á validade das ordenações anglicanas. Espera-se com anciedade a decisão da Santa Sé.

O catholicismo em Inglaterra

Vae tomando um incremento notavel o movimento catholico em Inglaterra.

Ha muito que os catholicos inglezes estão fazendo uma vigorosa campanha em favor da ideia de que o Estado, que concede subsidios ás escolas neutras, subsidie tambem aquellas em que o ensino é religioso.

O episcopado, com o Em.^{mo} Cardeal Vaughan á frente, é quem dirige esta campanha, na qual tomam tambem parte os membros de algumas seitas protestantes, que desejam o mesmo que os catholicos.

Acaba de celebrar-se um grande comicio em Bristol, no qual se approvou uma moção em que se manifesta este desejo. Para deliberar sobre o mesmo assumpto, o Episcopado da Escocia, com dois delegados de cada uma das dioceses, reuniu-se durante dois dias no palacio episcopal de Edimburgo.

Na camara dos commons, por occasião da discussão sobre o orçamento de marinha, o deputado Dillan, apoiado por O'Connor e Redmond, fez notar a situação anormal dos marinheiros catholicos sob o ponto de vista religioso. Dos 63:000 homens de esquadra, 6.000 são catholicos. Pois os anglicanos tem 100 capellães, emquanto que os catholicos não tem um só.

O deputado Dillon recordou que o ministro Smith havia promettido em 1878 que cada esquadra teria um capel-

lão catholico a bordo do navio almirante, e que tal promessa nunca fôra cumprida. Exigiu que se cumprisse quanto antes e que o Estado pagasse devidamente aos capellães catholicos, como paga prodigamente aos anglicanos.

O deputado Goschen, ministro da marinha, respondeu que estava disposto a conceder aos marinheiros catholicos todas as facilidades compatíveis com o serviço.

«Nenhum official da marinha, disse elle, é tão intolerante que se opponha á presença de um sacerdote a bordo do seu navio. Prometto estudar a questão e não deixarei sem cumprimento a promessa do meu antecessor.»

Conferencia de Jacintho Loyson

Jacintho Loyson, o Padre apostata, fez, ha pouco, uma conferencia em Alexandria, no theatro Zizinia. O assumpto foi: *tolerancia religiosa*. O correspondente de Alexandria para *L'Univers* narra e critica a conferencia do apostata nos seguintes termos:

«O discurso do ex-frade carmelita, ex-velho catholico, ex-protestante Padre Loyson escapa á analyse. Basta dizer que as contradicções pullulam n'elle, que o bom senso é ultrajado a cada instante, que d'esse amalgama de ideias disparatadas e mal cerzidas só ficou no espirito dos seus ouvintes uma má impressão.

O apostata sustentou que, sendo egualmente boas todas as religiões, ninguem tinha o direito de dizer que só a sua era a unica verdadeira com exclusão das outras. Depois d'esta falsa theoria, velha como o mundo e grosseira á força de banal, as conversões não teriam razão de ser, cada culto devia cessar de trabalhar na sua propagação, o pastor anglicano devia fraternisar com o missionario catholico, e a Synagoga devia renunciar ao seu odio dezoito vezes secular contra a Egreja. O orador affirmou que estas bellas esperanças se realisariam um dia; tem confiança no futuro, que aproximará todos os corações e estabelecerá o reino universal da paz.

Mas como a reconciliação só é possível pela confissão sincera das mutuas faltas e fraquezas, o snr. Loyson obrigou o catholicismo a fazer uma confissão geral das suas faltas: a Egreja reprobra ao Islam esse fanatismo exaltado que sempre occasionou grande effusão de sangue, e deve arrepender-se de ter provocado as cruzadas e precipitado os povos do Occidente sobre os do Oriente; não deve (a mesma Egreja) desprezar a crença do seu rival na fatalidade, quando é certo que os seus doutores admittiram o dogma da predestinação. Esta confissão publica, ima-

ginaria e calumniosa, durou muito tempo.

Houve todavia um facto que todo o auditorio pôde observar: é a notavel predilecção do antigo carmelita pela religião musulmana. Extasia-se diante d'estas palavras que a religião põe nos labios dos seus fieis: «Está escripto!». Disse que este grito da alma em face da desgraça testemunha uma grande submissão aos decretos da Providencia e vale hem o «fiat voluntas» do christão!

A admiração do apostata pela religião dos sarracenos ultrapassou todos os limites. Declarou que não sóa ao ouvido palavra mais harmoniosa do que a do Islam que significa resignação; que se Jesus Christo é o Filho de Deus, o Verbo incarnado, Mahomet é o seu propheta e merece ser collocado ao lado de Moysés, na gloriosa phalange dos antigos patriarchas, seus antepassados.

Seria longo, para não dizer repugnante inventariar todos os erros que o apostata desenvolveu durante hora e meia. Evidentemente ninguem se converteu ás suas ideias, segundo as quaes todas as religiões da terra deveriam viver em harmonia, como irmãs gêmeas, sob a providencia d'um Deus justo, pacifico e remunerador, cuja unica lei é uma lei de amor.

Terminando: oxalá que todos os catholicos que lerem estas linhas roguem connosco a Deus para que o septuagenario apostata se aproveite dos dias de vida que lhe restam para se arrepender voltando á Egreja, d'onde desgraçadamente se apartou.»

O imperador da Allemanha e o Cardeal Sanfelice

O imperador da Allemanha apenas chegado a Napoles, mostrou grande desejo de conhecer e de encontrar-se com o Cardeal Sanfelice, arcebispo de Napoles. O encontro, que por motivos faceis de comprehender não podia ter lugar nem no palacio do Arcebispo nem a bordo do *Hohenzollern*, realisou-se por commum accordo no antigo Ermo de Cemaldoli, sobre a encantadora collina que domina Napoles.

O imperador com a imperatriz eram acompanhados por S. A. o principe Henrique, pela sua esposa e pelo embaixador da Allemanha conde Von Bulow. O soberano, como verdadeiro crente, entrou logo na Egreja do Ermo, onde se demorou orando por algum tempo, e foi em seguida levado á cella onde o Arcebispo de Napoles vae algumas vezes entreter-se com os religiosos camaldolenses.

O encontro foi affectuosissimo e a conversação versou, quasi exclusivamente, sobre a necessidade do regresso á fé, sobre a liberdade a conceder á Re-

ligião, a qual só, dizia S. Magestade, produzirá paz entre a Igreja e o Estado. O imperador teve palavras de altíssima admiração pelo Santo Padre Leão XIII. O Em.^{mo} Cardeal, ao despedir-se de Guilherme, disse-lhe:

«Espero que um dia encontrarei Vossa Magestade em melhor sitio, e por ora peço a Deus que Vossa Magestade veja a verdade como eu a vejo.»

O imperador mostrou desejos de tornar a ver o Cardeal Sanfelice, ao que este accedeu indo visitá-lo a bordo do *Hohenzollern*, onde foi recebido com todas as honras devidas á sua elevada posição.

Em seguida foi conduzido pelo imperador ao seu salão particular, cujas paredes se achavam ornadas com as palmas bentas que o Cardeal Sanfelice enviara no domingo á familia imperial, e ali se demorou em intima conversação com o imperador.

Brincadeira estúpida

Arsène Houssaye, o escriptor francez que acaba de fallecer, refere n'uma das suas obras o seguinte caso:

«Habitava então em Bryères em casa de um dos meus amigos que professava o atheismo. Eu, ainda que sceptico; não o era tanto que o meu scepticismo me impedisse de saudar Jesus Christo quando passava em frente de qualquer das suas imagens. Em certa ocasião saudei a de Christo do Monte S. Pedro, e saudei-a gravemente; o meu amigo soltou uma gargalhada.

—Oh, disse-me elle, vaes ver agora como eu faço o signal da cruz.

Chamou o cão que o acompanhava, poz-lhe na cabeça o seu gorro e sacudiu-lhe a cabeça n'um movimento de quem cumprimenta. E não ficou por aqui. Tomou-lhe uma pata e obrigou-o a fazer o signal da cruz. O pobre animal poz-se a ladrar dolorosamente, de um modo estranho, com fúria.

—Então? Estás satisfeito? perguntei eu ao meu amigo

—Muito satisfeito, respondeu. Porém fitei-o e vi que estava pallido como a morte.

Voltamos em direcção a casa, como de costume; porém, eis que, no nosso regresso, ao passar por diante da mesina cruz, o meu amigo poz-se a ladrar de maneira egual á do seu cão, em tom, porém, mais desesperado. Julguei eu que aquillo era um novo sacrilegio; mas ao olhal-o comprehendí que o latido havia sido involuntario. Passado um instante socegou e tentou rir-se, como para demonstrar-me que o havia feito por brincadeira.

Porém, ao chegar a casa de sua mãe (uma santa mulher), ladrrou.

No dia seguinte ladrrou; ao outro dia, ladrrou, e ladrrou sempre...

Um jornal. difamador do clero. condemnado

Ha pouco tempo que o tribunal correccional de Saint-Flour pronunciou o seu *verdictum* no processo intentado ao jornal radical *Haute-Auvergne* por 456 sacerdotes do departamento de Cantal.

O tribunal confessou que houve injuria e condemnou o jornal *Haute-Auvergne* a 16 francos de multa, 1 franco de perdas e damnos a cada um dos 456 sacerdotes, inserção da sentença nos quatro jornaes de Saint-Flour e metade das custas.

Esta sentença é uma lição. O procurador junto do tribunal correccional tinha sido, dias antes, pela absolvição, e no dia do processo fizera-se uma grande manifestação maçónica a fim de fazer pressão no animo do tribunal.

A condemnação d'aquelle jornal é pois ainda mais significativa.

O descanso do domingo

O conselho federal suizo informou a companhia P. L. M. que, a partir de 15 de março, a estação de Genebra não expediria nem receberia comboios de mercadorias ao domingo, em conformidade com a lei votada sobre o repouso d'este dia. E' possivel que esta data de 15 de março seja prorogada, por causa da exposição de Genebra, cuja abertura terá lugar d'aqui a uns dois mezes, mas é certo que a supressão dos comboios de mercadorias ao domingo, entre Bel-

legarde e Genebra, é facto assente e não é mais que uma questão de mezes.

Na Inglaterra, na Belgica e na Suisa agora, os comboios de mercadorias não circulam ao domingo, e, apesar d'isso, os negocios e os transportes correm regularmente. Os jornaes francezes esperam que em França esta medida será bem depressa applicada d'uma maneira geral. Permittirá assim dar a um bom numero de empregados de caminhos de ferro um dia de repouso bem merecido, e as companhias nada sofrerão com isto.

SECÇÃO ADMINISTRATIVA

EXPEDIENTE

Por mais d'uma vez temos mandado cobrar pelo correio as dividas d'alguns senhores assignantes, que se acham em grande atrazo. Uns satisfizeram promptamente, o que muito lhes agradecemos; outros, porém, não se lembrando que, com a cobrança por esse meio nos obrigam a fazer grande despeza, não pagaram nem se desculparam. Mais uma vez vamos fazer a cobrança a alguns d'elles mais atrazados, pelo correio, prevenindo desde já aquelles que não pagarem e não nos pedirem espera para tempo determinado, que lhes suspenderemos a remessa do jornal.

Lembramos, porém, aos retardatarios no pagamento (que, infelizmente, são muitos) que as passadas emprezas do *Progresso Catholico* estão desembolsadas d'importantes quantias, e que é um acto da mais estricta justiça pagarem-lhes o que lhes devem. Bastalhes, para sacrificio, o terem trabalhado gratuitamente por tanto tempo, com uma dedicação nunca assás louvada.

Se não quizerem ou não poderem pagar já o debito á actual empreza, paguem, ao menos, o que pertence ás passadas.

O Administrador,
VICENTE FRUCTUOSO DA FONSECA.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 15000 reis—Estados da India, China, e America, 12280 reis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.